

## *Pós-colonialismo*

*Tchenna Fernandes Maso\**  
*Tchella Fernandes Maso\*\**

Termo amplo, e de uso recente nas Ciências Humanas e Sociais, remete aos processos de descolonização emergentes na segunda metade do século XX. Seu uso envolve cognição e ação situados temporal e espacialmente, midiado por teóricos preocupados com as díades colonizador/colonizado e império/colônia. Nesse sentido, dentre a gama de perspectivas teóricas que admitem o conceito, os estudos pós-coloniais podem ser compreendidos como a interpretação das relações multicausais provocadas por essas relações de dualidade, e em particular pelas analogias de poder subjacentes ao pacto colonial.

O processo de colonização, associado por muitos teóricos marxistas - com destaque para Lênin - à expansão do capitalismo às diferentes regiões do globo, se deu em diferentes ondas. A primeira, como expõe Vandana Shiva, se deu no processo de dilatação do mercantilismo na América e Ásia no século XVI e XVII, empreendido por Espanha, Portugal, e mais tardiamente Inglaterra. Posteriormente, no século XIX, o imperialismo adquiriu contornos mundiais, na partilha da África e Ásia empreendida por diferentes potências européias. Na atualidade, afirma-se que uma terceira onda, marcada pela invasão das redes de consumo em amplitude global, configura-se como um neo-colonialismo<sup>1</sup>.

A dominação colonial é caracterizada pela ingerência das grandes potências no seio político, econômico, social e cultural dos países da porção sul globo. Estes considerados mais frágeis no que se refere ao protagonismo exigido pelo projeto da modernidade (poder monetário, intelectual, físico e etc.) sucumbem à força econômica e militar dos Estados do centro. Isso significa que se promove um sistema de trocas internacionais mitigado pela exploração

\* Graduada em Direito pela Universidade Federal do Paraná, atualmente Assessora Jurídica da Relatoria de Terra, Território e Alimentação Adequada Plataforma Dhesca Brasil.

\*\* Graduada em Relações Internacionais pela Unesp, mestrado em Relações Internacionais pela Unb, professora assistente de Teoria das Relações Internacionais UFGD

1 Reflexões acerca da globalização como uma nova face do imperialismo capitalista, ou como ampliação das relações de poder em escala global ver: IANNI, 1995; SHIVA,2001

primária “dos povos primitivos” em prol do progresso das “sociedades civilizadas” – Franz Fanon será um dos primeiros autores a apresentar tal interpretação, bem como criticá-la.

Tendo em vista tal contexto de opressão extensiva, as colônias libertaram-se do jugo imperial em diferentes momentos históricos e, em sua maioria, de forma pouco autônoma. América do Norte e Caribe foram as primeiras regiões a proclamar sua independência, seguida por América Latina – ainda nos séculos XVIII e XIX. Ásia e África somente no século XX iniciaram seus processos de alforria, motivados por uma reordenação do sistema internacional para uma ordem bipolar e passagem da hegemonia britânica para a norte-americana, no Ocidente.

Enquanto a América Latina substituiu a dominação imperial pela dependência - como apresentam as teorias da dependência, em particular Rui Mauro Marini – ainda no século XIX, as colônias africanas iniciaram seu processo de emancipação há menos de um século. Tal disposição no tempo impõe conseqüências para o atual estágio dessas regiões, isso porque os latino-americanos em um processo lento desenvolveram símbolos nacionais capazes de homogeneizar, minimamente, as populações em torno de um Estado com território definido<sup>2</sup>. O caso do continente africano, por sua vez, é mais complexo: seus processos de independência se deram em um contexto de periferação da Guerra-Fria, o que gerou conflitos separatistas entre tribos, antes incólumes, que compartilhavam um mesmo Estado. Ou seja, o processo de partilha vivenciado entre os povos africanos, significou uma compactação intensiva da diversidade cultural e social sob um mesmo território, Estado-Nação – tal fenômeno pode ser observado no presente em meio às guerras civis características da região.

A partir da contextualização histórica desenhada nos parágrafos anteriores, torna-se inteligível a condição de criação dos estudos pós-coloniais. Estes pertencem a um campo amplo e múltiplo de cognição das relações interno/externo, local/global, a fim de desmistificar a estruturação vinculada a tais embaraços; são, portanto, estudos de fronteira: entre áreas do conhecimento, entre grupos étnicos e culturais, entre incluídos e excluídos. As vozes dos pós-

2 Para Weber o Estado Moderno é aquele que detém monopólio da força legítima em território determinado. Tal concepção, apesar de restritiva, é importante para compreender a importância do Estado no projeto de modernidade, bem como o modo como as sociedades se organizaram no interior dos mesmos: nacionalismo, símbolos patrióticos, idioma comum, cultura partilhada e etc. Mais detalhes em ANDERSON (1989)

colonialismo representam, de forma geral, a miscelânea vivenciada pelos povos do Sul, uma vez que atuam para romper as identidades referenciadas no eurocentrismo em defesa dos clamores subalternos.

Originado nos estudos literários, o termo pós-colonial referia-se à tentativa localizada e particular de romper com as cognições trazidas de fora. De forma ilustrativa, escritores pós-coloniais podem ser associados ao moçambicano Mia Couto e sua tentativa de desvendar a colonização portuguesa e as identidades múltiplas daí conseqüentes.

Nas ciências sociais, Franz Fanon merece destaque ao desvendar o binômio colonizador/colonizado em uma rede psicológica e social de sobreposição de relações de poder. Fanon, argelino contemporâneo à Guerra de Libertação da Argélia<sup>3</sup>, empreendeu em seu livro “Os condenados da terra” (1961) uma análise de como o colonizado, ao desvendar as teias do poder imperial descobre os elos de sua submissão. Nesse sentido, o autor lança luz à internalização do colonizador na identidade do colonizado, reafirmando a subordinação característica do sujeito argelino – um sujeito que não constrói sua própria voz e autonomia, pois ao romper com a referência francesa perde parte de si mesmo.

Apesar destes precursores, a obra considerada fundante dos estudos pós-coloniais é “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” (1971), de Edward Said. Nesta o autor inova os estudos culturais ao analisar os aspectos objetivos, mas principalmente subjetivos, da formação da identidade por meio das relações de alteridade. Nesse sentido, o EU, oriental, molda-se e adquire nova cor com o contato com o OUTRO, ocidental. Em tal interação as vozes não são compartilhadas de forma mútua e horizontal, mas se estabelece um vínculo hierárquico de imposição dos costumes exógenos. Conseqüentemente promove-se a padronização do estrangeiro como superior, e o interno como frágil, tradicional, estabelecendo entre esses agentes uma prática de aculturação

3 A Guerra da Argélia ocorreu em um período turbulento para o Governo francês, já enfraquecido pelo processo de independência da Indochina (1954), e por agitações na Tunísia (1952) e no Marrocos (1953-1955), o que depois resultaria na libertação de ambos os países. O conflito armado se deu na forma de terrorismo e guerrilha, modo encontrado pelos insurgentes argelinos, representados pela Frente de Libertação Nacional (FLN), para enfrentar a superioridade militar francesa. Por outro lado, como forma de combater esses movimentos dispersos, o exército francês utilizou-se largamente da captura e da tortura a fim de obter informações que lhe possibilitassem desmantelar as forças resistentes. Além disso, a FLN ainda combateu com outras correntes nacionalistas, entre as quais se destaca Movimento Nacional Argelino (MNA), cujos apoiantes principais eram argelinos que viviam na França. A guerra terminou em com a supremacia da FLN, que conseguiu por parte do governo francês o reconhecimento da independência do país, em 5 de julho de 1962.

e pasteurização, que invisibiliza uma das vozes, a oriental.

Uma questão central nos estudos pós-coloniais levantada por Said é a restrição ontológica provocada pela ciência ocidental, uma vez que esta não permite que o colonizado fale por si. O modo como o olhar dos pesquisadores sociais limita seu objeto de estudo, tem por consequência o esvaziamento da completude do que se analisa. No caso particular do estudo do orientalismo, Said afirma: “Investigar o orientalismo é também propor modos intelectuais de tratar os problemas metodológicos a que a história deu origem, por assim dizer, em seu tema de estudos, o Oriente” (2003, p. 119). Logo, a normatividade do pesquisador envolvido com a pesquisa pós-colonial se assenta na necessidade de lançar luz ao invisibilizado, dar voz ao subalterno e ressignificar conceitos monolíticos de cunho marginalizante.

Em geral, estes primeiros pensadores pós-coloniais são intelectuais da elite colonial que tinham contato com as produções européias, muitos estudaram em universidades do centro, e a partir dessa assimilação refletiam acerca de suas realidades nacionais - Fanon, por exemplo, associa grande parte de suas análises ao contato com textos de Sartre. Esse movimento entre império e colônia é característico da perspectiva aqui delineada, grande parte de seus intelectuais é fruto dessa formação (filhos de europeus no Sul, ou imigrantes no centro), e seu ímpeto está em romper com o imaginário eurocêntrico e/ou moderno; é, portanto, um pensamento híbrido em sua essência, antropofágico.

No cinema, filmes como “Exílios” de Tony Gatlif<sup>4</sup> (2004) ou “Terra Estrangeira” de Walter Salles (1996) retratam esse sentimento de antropofagia. A busca por referenciais por parte dos franceses, filhos de argelinos, ou dos brasileiros rumo à Portugal, exemplificam o sentimento de miscelânea que dá cor à normatividade do pensamento pós-colonial. Este representa a sistematização de novos atores (Estado-Nação antes colônias) no cenário internacional, outros problemas (migrações, etnocentrismos, fuga de cérebros e etc), com vistas a romper categorizações insuficientes para o momento pós-colonial, como soberania, nacionalidade, Estado democrático de direito, sujeito de direito.

Na academia, sob a nomenclatura de pós-colonial subsiste uma gama

4 Uma passagem do filme bastante ilustrativa da questão abordada é: “Es urgente hablar de los ausentes.

Ya es tiempo de hablar de aquellos que se equivocan. Es importante interrogar los ausentes, aquellos que viven sin democracia en general. Es urgente hablar de los ausentes, de las ausencias... Es urgente hablar de la libertad... La democracia está siempre volada...”

variada de autores e perspectivas oscilando entre marxismo, feminismo, pós-estruturalismo e pós-modernismo. Admite-se que são diferentes epistemologias e metodologias que compartilham do olhar pós-colonial. Em comum estes matizes possuem o tempo histórico (pós-colonial) e/ou o local de onde se fala e/ou objetivo de quebrar com o imaginário do velho mundo. Por exemplo, Gayatri Chakravorty Spivak, autora indiana, versa o olhar subalterno com a perspectiva feminista e pós-estruturalista de J. Derrida. Famosa por seu artigo "Can the Subaltern Speak?", a teórica busca romper com discursos monolíticos impostos por estruturas opressivas de imperialismo e patriarcalismo. Hommi Babha, por sua vez, também de descendência indiana, realiza estudos culturais por meio de conceitos chave, como hibridismo, mimetismo e ambivalência; sob a influência de Said, Derrida, Foucault, Lacan, entre outros. Neste ínterim, Stuart Hall, pensador jamaicano atuante no Reino Unido, analisa a formação de identidades na pós-modernidade a partir de uma perspectiva pós-gramsciana.

Como se pode observar são múltiplos os locais de fala do pós-colonialismo: inglês/indiano, ibero/americano, ibero/africano entre outros. Estes se formam da diáde colônia/império, uma vez que é esse invólucro que forma as identidades culturais. Nesse sentido, por mais que o pós-colonialismo se configure na busca por rompimento com o velho, admite a centralidade deste na sua formação. Embora suas origens remontem, predominantemente, ao mundo de fala inglesa, "el post-colonialismo tiene contribuciones para hacer en el análisis de las realidades sociales, culturales y políticas de cualquier parte del mundo, especialmente cuando el tópico es sobre asimetrías de poder" (Ribeiro, 2005, p.45). De maneira a não perder de vista as potencialidades analíticas e políticas da abordagem Pós-Colonial e, ao mesmo tempo, buscando problematizar sua aplicabilidade, Boaventura de Souza Santos propõe um pós-colonialismo situado, que leve em conta a enorme especificidade de cada contexto histórico, onde vários colonialismos distintos floresceram, de forma a compreender as também grandes particularidades dos contextos pós-coloniais (2001). Em sentido similar, Gustavo Lins Ribeiro afirma a necessidade de procurar "partir de nuestra posición única [para então] producir narrativas críticas en sintonía con nuestras localidades, en diálogo heteroglósico con los discursos de otras localidades del mundo globalizado" (Ribeiro, 2005, p.45).

Partindo destas premissas, a localização do Pós-Colonial na América Latina acarreta algumas questões preliminares. Em primeiro lugar, um Pós-Colonialismo ibero-americano, ao invés de um latino-americano, seria uma

expressão mais precisa e acurada, uma vez que, como já vimos, as relações de inter-identidades presentes nos regimes coloniais conduzem a uma análise em que é impossível pensar isoladamente colonizador e colonizado, devido a sua imbricação um no outro. Em segundo lugar, é preciso ressaltar que os próprios colonialismos português e espanhol guardam substanciais diferenças entre si, em decorrência tanto de sua própria constituição como pela diversidade dos contextos a que se aplicaram. No entanto, a caracterização diferenciada destes colonialismos envolvem uma série de análises históricas, sociológicas e discursivas que, por razões óbvias, não serão abordadas aqui. Por fim, deveremos assinalar a existência de uma grande heterogeneidade no interior do que poderíamos identificar como Estudos Pós-Coloniais ibero-americanos. Dentre esses destacam-se os seguintes autores e conceitos: Colonialidade do Poder, de Aníbal Quijano; Ocidentalismo, de Fernando Coronil; de Geopolítica do Conhecimento de Walter Mignolo; e Epistemologia do Sul, de Boaventura de Souza Santos.

Dentre a diversidade intrínseca ao pós-colonialismo algumas características são comuns ao conjunto de autores situados em diferentes locais de fala. Para Boaventura de Souza Santos, um dos fundamentos teóricos principais da abordagem Pós-Colonial é a diluição da fronteira entre a crítica e a política (2001, p. 31). Reconhecendo as intrincadas relações de saber-poder subjacentes a toda prática acadêmica, o Pós-colonialismo propõe uma crítica, um saber, que seja consciente de sua função política, a qual seja: opor-se radicalmente à assimétrica distribuição global do poder e todas as injustiças que acarreta. Neste sentido, o intelectual pós-colonial deve trabalhar ativamente na implosão dos discursos coloniais/ocidentais hegemônicos que, por meio do discurso da modernidade, naturalizam as desigualdades entre os países, classes, raças e povos – como afirma Babha (1994). Da mesma forma, ao ligar a marginalização dos grupos e discursos subalternos ao seu silenciamento, Spivak localiza na fala a condição *si ne qua non* para subversão da subalternidade. Para esta teórica, trabalhar na emergência desta fala, deste discurso, exige um trabalho político que vai além da discursividade acadêmica, marcando um claro comprometimento do crítico pós-colonial para com os “subalternos da terra”. Ao privilegiar a subalternidade enquanto lugar de enunciação de onde o pós-colonial pode emergir, essa perspectiva “parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais visíveis” (SANTOS, 2004, p.9).

Outro ponto apresentado pelo Pós-Colonialismo é a recusa de essencialismos, sejam eles de origem política, social, étnica ou outra qualquer. A crítica aos regimes coloniais afirma que o poder e o discurso colonial construíram-se a partir do recurso a uma “violência epistêmica” (Spivak, 1988) que construiu o sujeito colonizado enquanto o Outro do colonizador. Por outro lado, o colonizador e, em sentido mais amplo - o Ocidente - constrói a si mesmo de forma relacional, como o Mesmo a partir do qual o resto do mundo é subalterno/subalternizado (Said, 2007). A recuperação das obras seminais de Franz Fanon e Albert Memmi, para muitos os predecessores da crítica pós-colonial, ajudam a perceber que esta construção da diferença entre colonizador e colonizado está inscrita em um processo “dialeticamente destrutivo e criativo” (SANTOS, 2001, p.32), em um jogo de espelhos e inter-identidades em que ambos “já não são independentes um do outro e nem pensáveis um sem o outro” (SANTOS, 2001, p.31).

A recusa pós-colonial destas oposições binárias a partir das quais os discursos coloniais construíram todas as formas de racismo impede a utilização de “linhas puristas de policiamento da identidade” (SOHAT; STAM, 2006, p.79), buscando, ao contrário, identidades complexas, multifacetadas e, sobretudo, híbridas. A ideia de hibridismo, amplamente desenvolvida nos estudos de Stuart Hall e Hommi Babha, subverte os binarismos políticos, de forma a demonstrar que “os ‘efeitos de fronteira’ não são ‘gratuitos’, mas construídos; conseqüentemente, as posições políticas não são fixas, não se repetem de uma situação histórica a outra, nem de um teatro de antagonismos a outro, sempre ‘em seu lugar’. O reconhecimento deste “espaço híbrido” desestabiliza as representações hegemônicas, nos confrontando com uma realidade politicamente complexa e ambígua, em que o posicionamento dos atores precisa ser visto de maneira relacional e inserido em relações de poder não apenas hierárquicas como, também, transversais.

Esta multiplicidade de relações de poder advém do reconhecimento de que a realidade é extremamente complexa, produto de um mundo em que “o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória” (SANTOS, 2004, p.8). Com efeito, grande parte da vitalidade do Pós-Colonialismo enquanto teoria reside em sua disposição para pensar “as continuidades e descontinuidades do poder”. Neste sentido, embora muitos afirmem que o prefixo “pós” refira-se a uma ruptura com o

período anterior, indicando uma superação do colonialismo, defende-se que a acepção do que constitui o Pós-Colonial pressupõe não só a revisão crítica do passado contado em termos da modernidade ocidental, mas: a identificação de um presente ainda permeado por uma série de discursos, práticas e relações políticas que confluem na perpetuação da distribuição assimétrica do poder e da riqueza em nível global.

Por fim, o Pós-Colonialismo envolve em seu âmago a crítica dos pressupostos epistemológicos em que se assenta o discurso da Modernidade e, portanto, da superioridade européia. Spivak, por exemplo, situa a subalternidade como produto de incisivas relações de “violência epistêmica”, pautada na imposição colonial de uma ordem científica e de um sistema legal (1988). Se, como afirma Hall, “a expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial [constituem] a ‘face mais evidente’, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista européia”, então a celebração da ciência moderna se inscreve em uma relação de poder pautada na diferença colonial entre aqueles que “pensam, logo, existem” e aqueles que não existem a não ser enquanto objeto de dominação.

Cabe ressaltar, que a recusa de essencialismos é uma característica da crítica Pós-Colonial, que tende a ver categorias, atores e dinâmicas a partir de uma perspectiva relacional. No entanto, a própria consolidação da área enquanto um “corpo teórico” pode facilmente resultar em cristalizações generalizantes que incorreriam em tais essencialismos e generalizações que esta corrente tenta combater. Na raiz deste problema, reside o fato de que o Pós-Colonialismo, em sua versão mais difundida, é uma abordagem desenvolvida, em linhas gerais, por intelectuais oriundos de antigas colônias britânicas e que, portanto, pensam a “questão colonial” da forma como foi formulada, aplicada e experimentada no Imperialismo Inglês. Não é preciso dizer que, embora possa ser concebido como um “sistema” de características fundamentais compartilhadas, o Colonialismo não se impôs de maneira homogênea nos vários contextos históricos e sociais inscritos sob seu domínio. Nesse sentido, o Imperialismo inglês é tão particular e guarda tantas especificidades quanto qualquer outro modelo de relações coloniais. Ignorar ou não conferir a importância devida a estas manifestações particulares deste mesmo processo pode incorrer em uma série de erros conceituais catastróficos para o próprio fortalecimento da abordagem Pós-Colonial, na medida em que sua “absolutização” poderia levar a um “imperialismo cultural” (SANTOS, 2001)

que só pode ser contra-producente.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

\_\_\_\_\_. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1999.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

\_\_\_\_\_. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

RIBEIRO, G. L. Post-Imperialismo: para una discusión después Del post-colonialismo y del multiculturalismo. In Mato, D. (comp.) (2005) **Cultura, Política y Sociedad: perspectivas latinoamericanas**, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SANTOS, B. de S. Entre o Próspero e o Caliban: Colonialismo, Póscolonialismo e inter-identidade. In Ramalho, I; Ribeiro, A. S. (orgs.) (2001)

**Entre ser e estar** – Raízes Percursos e Discursos da Identidade. Porto: Afrontamento, 2001.

\_\_\_\_\_. **Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial**. E para além de um e outro. Disponível em: [http://www.ces.uc.pt/misc/Do\\_pos-moderno\\_ao\\_pos-colonial.pdf](http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf). Acesso em novembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos - CEBRAP, São Paulo, n. 79, 2007.

SHIVA, V. **Biopirataria**: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In Nelson, C e Crossberg, L. (eds.) **Marxism and the Interpretation of Culture**. Londres: Macmillan, 1998.